



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Thianne Barbosa Moreira

**O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-
PIBID, a formação de professores e o impacto nos anos
iniciais da prática docente na Educação Infantil.**

Orientador: Prof^o Dr^o Daniela de Oliveira Guimarães

Rio de Janeiro

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

**O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência-
PIBID, a formação de professores e o impacto nos anos
iniciais da prática docente na Educação Infantil.**

Monografia apresentada à Faculdade de Educação
da UFRJ como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Daniela de Oliveira Guimarães

Rio de Janeiro

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS (CFCH)
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Thaianne Barbosa Moreira

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID, a formação de professores e o impacto nos anos iniciais da prática docente na Educação Infantil.

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da UFRJ como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Daniela de Oliveira Guimarães

Professor (a) Convidado (a): Prof^ª Dr^ª Deise Arenhart

Professor (a) Convidado (a): Prof^ª Mr^ª Priscila de Melo Basílio

Rio de Janeiro, 2018

Dedicatória

Dedico esse trabalho a minha família, em especial a minha tia Joelma Moreira, que me inspirou e incentivou para que chegasse onde estou hoje. Em especial, dedico também ao grupo PIBID-Educação Infantil, juntos formamos uma grande família que resultou em trocas, novas experiências, e um novo olhar para o universo da Educação Infantil. Muito obrigada!

Agradecimentos

Durante toda a minha trajetória de graduação pude sentir um cuidado especial, um cuidado de pai, e para tanto o meu primeiro agradecimento dedico ao meu Deus, que desde o início do curso tem me sustentado, amparado e livrado de todo o mal. Tenho plena convicção de que sem Ele, não chegaria nem na metade desta caminhada.

Agradeço a minha família, em destaque os meus pais, Joel Moreira e Maria José Barbosa, vocês são os melhores, minha base, me ajudaram em todos os períodos, através das orações, palavras de afeto, financeiramente, enfim, muito obrigada.

Tia Joelma, como me ajudou. Agradeço pelas inúmeras vezes que dizia: “Tia, posso imprimir meu relatório ai?”, “tia, você me ajuda a fazer isso para a minha aula?”, e as respostas sempre eram “SIM”. Você foi, é, e sempre será o meu maior exemplo na área educacional, tenho orgulho de ser sua sobrinha, agradeço a você e sua família por toda força e afeto.

Amor, Paulo Neto, você chegou à minha vida bem próximo ao final da graduação, mas veio trazendo incentivo, força, paz e muito amor durante esse período da produção da monografia e algumas práticas. Agradeço-te pela paciência e atenção, sei que nos momentos caóticos posso contar com seu abraço, obrigada!

As minhas amigas Jamille, Raianne, Rebeca e Thaís, agradeço pela parceria de sempre, nas dificuldades, alegrias, desespero e cansaço nos mantemos sempre unidas, ajudando uma a outra. A amizade de vocês foi o melhor presente que poderia receber da UFRJ. Amo vocês!

Guardei o meu muito obrigada especial à minha orientadora, Daniela Guimarães. Ao total foram dois anos e meio de parceria, desde o PIBID- Educação Infantil ao Práticas em debate, partilhando sorrisos, descobertas e muito aprendizado. Obrigada pela dedicação, e por fazer com que eu me apaixonasse ainda mais pela Educação Infantil.

E finalizando os meus agradecimentos, quero agradecer ao grupo PIBID- Educação Infantil, em destaque às minhas tão amadas supervisoras, Tatiana Mello e Priscila Basílio. Agradeço também as minhas colegas Camila Borges e Roberta Figueiredo que me acompanharam nesses dois anos de programa, dentre todas as outras que com seus conhecimentos fizeram com que eu aprendesse um pouco mais do que esse enorme universo infantil tem a nos mostrar. Sou grata por tudo, todas vocês são peças fundamentais para que esse trabalho fosse elaborado.

“As nuvens mudam sempre de posição, mas são sempre nuvens no céu. Assim devemos ser todo dia, mutantes, porém leais com o que pensamos e sonhamos; lembre-se, tudo se desmancha no ar, menos os pensamentos”. (Paulo Beleki)

Sumário

Introdução	9
Capítulo 1	
A formação dos Professores da Educação Infantil e as possibilidades do PIBID na ação docente.....	11
1.1- A formação do professor de Educação Infantil: algumas questões	11
1.2 – O que é PIBID?	13
1.3 – O PIBID como espaço de formação.....	14
Capítulo 2	
O PIBID na UFRJ e as questões desta pesquisa.....	19
2.1 – O PIBID Educação Infantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro.....	19
2.2- Contribuições e perspectivas acerca da participação no PIBID-Educação Infantil.....	22
2.3– Desafios da docência na Educação Infantil.....	27
Considerações Finais.....	32
Anexos.....	33
Referência Bibliográfica.....	34

Resumo

A presente monografia consiste em um estudo qualitativo sobre as implicações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID em Educação Infantil na formação e seu impacto nos anos iniciais da prática docente. O objetivo principal desse estudo é analisar o impacto do PIBID em Educação Infantil na formação e o seu impacto nos anos iniciais da prática docente, visando os desafios existentes nos primeiros anos da prática docente. A presente discussão é fundamentada e orientada a partir dos seguintes aportes teóricos: Tardif (2014), Pimenta (1994), Da Silva Campello (2016), Nóvoa (2009), entre outros que trazem em suas temáticas abordagens da formação docente, desafios da prática e saberes docentes. A pesquisa consolidou-se utilizando entrevistas semi-estruturada com três bolsistas que participaram do primeiro ciclo do PIBID-Educação Infantil na UFRJ e hoje atuam com diferentes funções docentes em instituições privadas e públicas na cidade do Rio de Janeiro. Ao final concluímos que o PIBID promove valores e novos sentidos dentro da profissão docente, ou seja, os sujeitos participantes desse programa apresentam em suas narrativas contribuições positivas de saberes docentes que desenvolveram através da participação, ação, diálogo, cooperação e observação, e hoje conseguem inserir nas suas práticas diárias.

PALAVRAS- CHAVE: Educação Infantil; PIBID; Formação docente; Desafios docente

Introdução

No ano de 2007 inicia-se por parte da CAPES uma iniciativa desenvolvida e destinada aos cursos de licenciaturas em todo o país, o PIBID (Programa Institucional de Bolsas e Iniciação à Docência), que pensa a prática em diálogo com a teoria, e que, para além, oferece ao bolsista a possibilidade de atuar num espaço futuro de profissão, incentivando a docência na Educação Básica. No ano de 2014 na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi desenvolvido o PIBID Pedagogia focado na Educação Infantil. Na verdade, desde 2012 acontece o PIBID/Pedagogia nos Anos Iniciais do EF, na Faculdade de Educação da UFRJ.

Durante os anos de 2014 e 2015 atuei como bolsista no programa citado (PIBID) e pude perceber o quanto os estudos, discussões, presença e atuação em campo estavam acrescentando à minha formação. Portanto, surgiram algumas inquietações e a partir delas fiz os seguintes questionamentos: qual a contribuição do programa na vida profissional das pedagogas formadas e hoje atuantes em escolas? Quais foram e estão sendo os desafios encontrados nos primeiros anos da atuação docente por essas ex-pibidianas? As questões surgiram a partir das minhas observações durante a inserção no Programa, e após sair, pensando nos desafios de diferentes realidades e perspectivas educacionais nas escolas. Como as bolsistas, hoje formadas e trabalhado em escolas de Educação Infantil, enfrentavam os desafios que cercam o trabalho do professor, a partir das experiências no Programa?

Segundo Lontra e Rodrigues (2014)

O Pibid nos oportuniza (com)partilhar saberesfazeres, conhecimentos, informações que nos auxiliam a buscar cada vez mais. Faz-nos entender que não estamos sozinhas e potencializa a professorapesquisadora que existe em cada uma de nós. Aprendemos, entre tantas coisas, a importância de enxergarouvirsentir o cotidiano escolar e perceber o que está além, o que é invisibilizado nas práticas diárias. (p.25)

Para tanto, defini como objetivo geral da minha pesquisa analisar a contribuição do PIBID- Ed. Infantil na formação e prática docente do estudante de Pedagogia, pensando nas potencialidades do programa em diálogo com sujeitos que participaram deste, dando visibilidade às propostas e ações docentes na Educação Infantil.

No desenvolvimento do primeiro capítulo, abordamos de forma breve o histórico da formação do professor de Educação Infantil, contextualizando desde os anos 30 que a formação docente em massa era no curso normal, e indo além, citamos alguns artigos da Lei

de Diretrizes e bases 9394/96 que institui a exigência da formação superior para professores de Educação Infantil. Além, contextualizamos brevemente o que é PIBID e suas ações na formação docente. O capítulo está dividido em três subitens: 1.1- A formação do professor de Educação Infantil: algumas questões, 1.2- O que é PIBID? e 1.3- O PIBID como formação na ação.

No capítulo 2 apresentamos o contexto e ações do PIBID- Educação Infantil do curso de Pedagogia da UFRJ, explicitando os sujeitos e o processo da pesquisa que fomentou essa monografia. Também apresentamos algumas narrativas retiradas das entrevistas feitas com bolsistas que atuaram no PIBID nos anos de 2014 e 2015, compartilhando os seus desafios e contribuições do programa na sua atuação, hoje. O capítulo está dividido em três subitens, sendo estes 2.1- O PIBID Educação Infantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2.2- Contribuições e perspectivas acerca da participação no PIBID-Educação Infantil e 2.3- Desafios da docência na Educação Infantil.

Ao final, concluo o trabalho com minha visão acerca da temática pesquisada, pensando nas contribuições desta para a academia e professores, e para além, a contribuição para a minha formação.

Capítulo 1: A formação dos Professores da Educação Infantil e as possibilidades do PIBID na ação docente

“Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não começaria com partituras, notas e pautas. Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe contaria sobre os instrumentos que fazem a música”
(Rubem Alves)

O presente capítulo tem como objetivo apresentar de forma breve o contexto histórico da formação do professor de Educação Infantil no contexto brasileiro. Para além, apresentarei o PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) trazendo informações sobre o Programa, seus objetivos e o seu papel nas universidades e instituições públicas de Educação Básica. Buscaremos expor suas funções na formação inicial do licenciando, dialogando com autores que abordam temáticas que envolvem a formação do professor, o seu exercício e os saberes adquiridos na profissão. Temos como objetivo compreender neste primeiro capítulo a importância e o significado que esse programa acrescenta na formação docente dentro das Universidades.

1.1) A formação do professor de Educação Infantil: algumas questões

No presente capítulo iremos percorrer um breve percurso de contextualização histórica da formação do professor de Educação Infantil, enfatizando as conquistas desde a LDB de 1996 que estabelece a Educação Infantil como 1ª etapa da Educação Básica. Buscamos dialogar sobre essa formação, já que este trabalho em sua particularidade busca traçar as contribuições do PIBID na formação docente.

Nos anos 30, *“poucas instituições superiores formavam o professor de Educação Infantil, era o Curso Normal, em nível médio, que habilitava o profissional [...]”* (KISHIMOTO, 1999, p.68). Até a segunda metade do século XX, tendo em vista o caráter compensatório e assistencialista que marcava às iniciativas educacionais na relação com as crianças de 0 a 6 anos, também na formação de professores era frágil o enfoque nas especificidades do trabalho pedagógico com estas crianças. Predominavam o educador leigo e práticas espontaneístas. Por outro lado, a partir da perspectiva do ensino normal, o pedagógico era considerado numa dimensão tecnicista ou generalista.

Segundo KISHIMOTO (1999, p.61)

A formação profissional para a Educação Infantil ressurgiu com o clima instaurado após a Constituição de 1988, o Estatuto da Criança e do Adolescente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a Lei Orgânica de Assistência Social. Tais dispositivos inserem a criança de 0 a 6 anos no interior do sistema escolar [...]

Com a entrada de maneira legal da Educação Infantil no sistema de ensino, começa-se a pensar nesse profissional que irá realizar o seu trabalho docente na primeira etapa da Educação Básica, pois ainda existiam profissionais com formação precária atuando em instituições que oferecem a Educação para crianças de 0 a 6 anos. No final da década de 90 é formulada a lei 9394/96 que no seu artigo 87, § 4º afirma: “*Até o final da Década da Educação somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço*”. Então, fica explícita a necessidade de uma formação de qualidade para o docente de qualquer etapa da Educação Básica, no qual não se diferencia o professor de Educação Infantil.

A década da Educação aconteceu no período de 1997 a 2007. Neste contexto, “*políticas de formação profissional para a educação básica deverão prever a formação de quadros docentes em nível superior*”, a fim de acelerar essa formação (KISHIMOTO, 1999, p. 63)

Nessa perspectiva de busca de avanços na qualidade da profissionalização do professor de Educação Infantil, a afirmação seguinte é problematizada: “qualquer pessoa pode trabalhar/ lecionar na Educação Infantil”. Ou seja, é questionada

[...] a perspectiva romântica do século passado, de que para atuar com as crianças de 0 a 6 anos basta ser “mocinha, bonita, alegre e que goste de crianças” e a ideia de que não há necessidade de muitas especificações para instalar escolas infantis para os pequenos. (KISHIMOTO, 1999, p.74)

No pensamento acima podemos compreender a lógica que se segue ainda em experiências atuais, talvez com uma força menor, mas que não se exclui do diálogo da sociedade que ainda carrega a ideia de que para ser professor de Educação Infantil basta “gostar de crianças”, descartando que para além existe a demanda de saber *como fazer*, numa perspectiva profissional e não doméstica; O desenvolvimento de propostas que auxiliam o desenvolvimento da criança, motor, cognitivo, sensorial depende de um profissional

qualificado que tenha em vista a criança e que respeita os direitos dos pequenos. Finalizando esse subcapítulo, destaco a seguinte citação

A educação infantil foi inserida na educação básica, portanto, seus profissionais requerem o mesmo tratamento dos outros que nela atuam. É preciso eliminar preconceitos arraigados da tradição brasileira, como o de que o profissional que atua com crianças de 0 a 6 anos não requer preparo acurado equivalente ao de seus pares de outros níveis escolares, o que demonstra o desconhecimento da natureza humana e de sua complexidade, especialmente do potencial de desenvolvimento da faixa etária de 0 a 6 anos. (KISHIMOTO, 1999, p. 75)

1.2 O que é PIBID ?

O PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência) é uma iniciativa desenvolvida pela CAPES que teve seu lançamento em dezembro de 2007. Tem como objetivo oferecer bolsas a alunos de licenciaturas do curso superior visando o aperfeiçoamento, qualidade e valorização da formação de professores. Outro objetivo é a inserção desses estudantes de licenciaturas em escolas públicas, o que proporciona a oportunidade de participação e cooperação em experiências que resultam no planejamento metodológico, tecnológico, além da observação de práticas inovadoras que permitem refletir acerca dos processos de ensino e aprendizagem nas instituições de Educação Básica.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência busca também em seus objetivos uma maneira de incentivar professores de escolas públicas de educação básica na conformação de futuros docentes fazendo com que estes tornem-se protagonistas na formação inicial para o magistério. (CAPES,2017)

As instituições que incorporam o PIBID em seus cursos de licenciaturas, antes apresentam à Capes seus projetos que dialogam com os editais dispostos, e sendo estes aprovados, a instituição inicia o Programa. Vale ressaltar que o PIBID pode ser assumido em instituições de ensino superior públicas e privadas.

No caso da Pedagogia, em especial no campo da Educação Infantil, o PIBID apresenta-se como mobilizador das reflexões sobre a especificidade da docência com as crianças de 0 a 6 anos, campo ainda incipiente na pesquisa e no desenvolvimento de práticas refletidas e fundamentadas de modo consistente.

1.3) O PIBID como formação na ação

O programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID) em seus objetivos visa a relação entre licenciando e escola pública da Educação Básica. A interlocução deste programa com a formação do licenciando proporciona a construção inicial da prática deste. A experiência torna-se saber desenvolvido na prática.

No item 1.1 discutimos questões que atravessam a formação do professor de Educação Infantil. A busca de rompimento com a fragilidade e inespecificidade nesta formação, a construção da profissionalidade docente, a clareza da intencionalidade pedagógica no trabalho com as crianças de 0 a 6 anos alia-se à demanda de diálogo com práticas docentes, problematização da ação pedagógica dos professores. O PIBID surge como oportunidade para qualificar a formação.

Tardif (2014) afirma

Damos aqui à noção de “saber” um sentido amplo, que engloba os conhecimentos, as competências, as habilidades (ou aptidões) e as atitudes, isto é, aquilo que muitas vezes foi chamado de saber, saber-fazer e saber-ser. (p.255)

O autor em seu trabalho traz a ideia de que os saberes são desenvolvidos na prática, mas que por outra ótica os sujeitos já carregam saberes consigo. O PIBID no seu exercício apresenta o caráter de oferecer aos licenciandos a oportunidade de observarem os saberes dos professores regentes. Ao mesmo tempo, na vivência em sala de aula e nas discussões sobre as temáticas que permeiam o cotidiano educacional, os pibidianos/licenciandos vivenciam, observam e constroem suas práticas.

O autor divide os saberes do seguinte modo: *saberes temporais, saberes plurais e heterogêneos, saberes personalizados e situados e os saberes dos professores carregam as marcas do seu humano*. Nos próximos parágrafos irei me debruçar de forma breve sobre cada um.

Sobre os saberes temporais: [...] “boa parte do que os professores sabem sobre o ensino, sobre os papéis do professor e sobre como ensinar provém de sua própria história de vida, e sobretudo de sua história de vida escolar”. (TARDIF,2014, p.260). E o autor continua dizendo que

Os professores são trabalhadores que foram mergulhados em seu espaço de trabalho durante aproximadamente 16 anos[...] através de

toda uma bagagem de conhecimentos anteriores, de crenças, de representações e de certezas sobre a prática docente. (2014, p. 261)

Nesta perspectiva, o saber docente é atravessado pela experiência de diversos tempos e espaços, por isso não é definitivo ou oriundo de somente em uma trajetória acadêmica científica.

De outro lado, os saberes do professor são plurais e heterogêneos, no sentido em que os profissionais docentes apresentam saberes de diferentes fontes, através de *“sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior; ele também se apoia em certos conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, assim como em certos conhecimentos didáticos e pedagógicos oriundos de sua formação profissional”* [...] (Tardif, 2014, p.262).

Também, os saberes profissionais são personalizados e situados. O professor é um sujeito que *“tem uma história de vida, é um ator social, tem emoções, um corpo, poderes, uma personalidade, uma cultura, ou mesmo culturas, e seus pensamentos e ações carregam marcas dos contextos nos quais se insere”* (2014, p.265). Ou seja, neste contexto o autor busca trazer a ótica de que o professor é um ser que carrega consigo uma história de vida construída num determinado contexto social, que este é um ator na sociedade e que as suas experiências aparecerão na sua prática.

Para além, Tardif (2014, p.266) continua a dizer que

[...] os saberes profissionais dos professores não são somente personalizados, eles também são situados, isto é, como dizíamos anteriormente, construídos e utilizados em função de uma situação de trabalho particular, e é em relação a essa situação particular que eles ganham sentido.

Por último, Tardif (2014) afirma que os saberes dos professores carregam as marcas dos seres humanos. Estão ligados à prática que tem como objetivo de trabalho os seres humanos, sendo assim acredita-se que *“os saberes dos professores trazem consigo as marcas de seu objeto de trabalho”* (2014, p.267). O autor retrata dois tipos de consequências. A primeira delas volta-se à ideia de que os alunos são indivíduos diferentes, que possuem suas particularidades e ainda *“que pertençam a grupos, a coletividades, eles existem primeiro por si mesmos como indivíduos”* e embora que os professores *“trabalhem com grupos de alunos, devem atingir os indivíduos que os compõem, pois são os indivíduos que aprendem”* (2014, p. 267). E é nesse contexto que o autor diz que

Do ponto de vista epistemológico, essa situação é muito interessante. É ela que orienta a existência, no professor, de uma disposição para conhecer e para compreender os alunos em suas particularidades individuais e situacionais, bem como em sua evolução a médio prazo no contexto da sala de aula [...] a disposição do professor para conhecer seus alunos como indivíduos deve estar impregnada de sensibilidade e discernimento a fim de evitar as generalizações excessivas e de afogar a percepção que ele tem dos indivíduos num agregado indistinto e pouco fértil para a adaptação de suas ações. (2014, p.267)

A outra consequência citada tem a ver com o saber profissional que carrega sempre componentes éticos e emocionais. Percebemos que na prática docente “*o ensino é uma prática profissional que produz mudanças emocionais inesperadas*” (idem 2014, p.268). Contudo, compreendemos que “*essa situação põe os professores diante de um problema que a literatura chama de motivação dos alunos*”, ou seja, “*para que os alunos se envolvam numa tarefa, eles devem estar motivados. Motivar os alunos é uma atividade emocional e social*”. (2014, p. 268)

Pimenta (1994) problematiza a ideia de que “*quando os alunos chegam ao curso de formação inicial já têm saberes sobre o que é ser professor*”, isso, porque “*os saberes de sua experiência de alunos que foram de diferentes professores em toda a sua vida escolar*” possibilita conhecer e refletir acerca das práticas vivenciadas. (p.76).

Se pensamos no PIBID, ele parece ser um programa que permite aos alunos licenciandos ampliarem a construção do saber docente na prática, para além das suas experiências como alunos na Educação Básica. Além disso, permite a visão do saber docente aliado ao que se faz diariamente, um saber social, situado, relacionado à identidade dos professores e suas experiências profissionais e pessoais.

Em busca de compreender um pouco mais sobre esse programa que realiza a interlocução entre universidade e educação básica, percebe-se que as relações entre teoria e prática estão arraigadas no processo de construção de saberes. As experiências educacionais vivenciadas no exercício do PIBID possibilitam aos licenciandos um espaço no qual estes “*constroem conhecimentos sobre a docência quando podem indagar- participar, interferir suas supervisoras sobre os processos (intelectuais, reflexivos, organizacionais) que acompanham seu trabalho*”. (DA SILVA CAMPELO, 2016, p.111). Quando desenvolvido

esse espaço de diálogo, participação, cooperação no exercício docente do PIBID, o pibidiano¹ vivencia experiências que seriam vivenciadas apenas no trabalho docente, ou seja, o trabalho realizado no PIBID proporciona ao pibidiano *“acompanhar uma turma, planejar e desenvolver atividades, fazer avaliações de aprendizagens”* (idem, p.211).

O PIBID busca em sua metodologia ressaltar sempre a relação entre teoria e prática. Nessa ótica, *“a oportunidade da entrada precoce na escola e de vivenciar nela experiências de trabalho já seria de muita relevância para a formação docente desses licenciandos”* (DA SILVA CAMPELO, 2016, p.211). De acordo com ZEICHNER (apud DA SILVA CAMPELO, 2016, p.211) *“muito do que os professores precisam aprender deve ser aprendido na e a partir da prática, ao invés de e na preparação para a prática”*

A partir da citação acima podemos identificar que no contexto do PIBID, os licenciandos vivenciam essa possibilidade de construir seus saberes e práticas a partir da observação, participação, reflexão de outras práticas vivenciadas e colocadas em ação por seus supervisores. Na escola parceira, com o supervisor, os pibidianos/licenciandos entram no contexto escolar e na ação docente, colocando em cena os seus saberes e construindo outros. Face a essa perspectiva, segundo COCHRAN- SMITH e LYTLE (apud DA SILVA CAMPELO, 2016, p.36) *“aprender a docência é algo que acontece com o tempo, e isso acontece quando novos professores trabalham na companhia de professores mais experientes, que também continuam aprendendo a ensinar”*. A troca e relação construída no contexto do PIBID tem o caráter de formação continuada para o professor supervisor e potencializa a formação inicial do pibidiano, pois o contato direto com teorias e a prática resultam nas contribuições eficazes para ambas as partes.

Nóvoa (2009) resgata a discussão de uma formação dada dentro da profissão. O autor diz que *“é importante estimular, junto dos futuros professores e nos primeiros anos de exercício profissional, práticas de auto-formação, momentos que permitam a construção de narrativas sobre as suas próprias histórias de vida pessoal e profissional”* (NÓVOA, 2009, p.209). Nesse contexto, o PIBID apresenta momentos no qual o pibidiano tem a possibilidade de planejar, executar o que foi planejado e refletir acerca de sua prática. Mais além, no seu exercício, o PIBID busca valorizar as questões e dúvidas que permeiam o cotidiano escolar no qual o pibidiano está inserido, mostrando possibilidades e discussões que podem ser levadas para esse espaço.

¹ Nomenclatura utilizada para os bolsistas/ licenciandos que participam do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).

O trabalho do PIBID é realizado nas etapas da Educação Básica e especificamente nas escolas de origem pública. De acordo com NÓVOA (2009, p.207) a escola deve ser vista *“como o lugar da formação dos professores, como o espaço da análise partilhada das práticas, enquanto rotina sistemática de acompanhamento, de supervisão e de reflexão sobre o trabalho docente”*. Visando a ideia apresentada pelo autor, encontramos no exercício do Pibid, a chance do pibidiano estar em contato com o espaço escolar, podendo fazer parte do planejamento, atividades extras da instituição, dialogando, trazendo ideias, tirando dúvidas, movimento que desenvolve saberes de experiência profissional e reflexiva no exercício da profissão docente.

Antônio Nóvoa (2001) relata que o melhor lugar para aprender a lecionar melhor é a própria escola, como foi citado acima, o espaço da instituição, seja qual for a etapa de ensino, faz aprender fazendo. O espaço que se dá para o pibidiano planejar e desenvolver seu planejamento, enriquece a caminhada da formação inicial do sujeito.

As contribuições aqui abordadas sobre o exercício do Pibid trazem reflexões acerca da interlocução Universidade X Educação Básica, que se relaciona com a formação docente, formação inicial que oferece ao licenciando a oportunidade de acrescentar à sua experiência novas possibilidades em termos de prática educacional. Para além, tem a ver com os saberes que são construídos antes da prática, na prática e durante todo o percurso desta. Saberes que podem ser temporais, culturais, dentre tantos outros que foram citados ao longo do texto que fortalece a prática do licenciando.

Podemos perceber que além do pibidiano estar imerso no processo de formação, o professor supervisor aparece no papel de contribuir para tal, mas além desse movimento, o docente também entra num processo de formação, pois o PIBID, embora voltado diretamente para a formação inicial, favorece a formação continuada do professor supervisor, ou seja, neste espaço ambos aprendem e ensinam, se avalia e reavalia.

Concluindo este subcapítulo que levantou aspectos relevante para a formação docente e enfatizou o exercício do Pibid, trago uma citação de Cruz e Campelo (2014)

[...]o projeto favorece a aproximação entre a universidade e escola básica na formação e, também, contribui para a formação da base de conhecimentos profissionais do futuro docente. Isso ocorre porque o ensino, núcleo central do projeto e caracterizador da profissão docente, é trabalhado na sua multidimensionalidade proporcionando, assim, que o futuro professor desenvolva com mais potência sua base de conhecimento profissional. (CRUZ & CAMPELO, 2015, p.6)

Capítulo 2 O PIBID na UFRJ e as questões desta pesquisa

Nenhuma descrição, nenhuma imagem de nenhum livro podem substituir a vista real das árvores em um bosque com toda a vida que acontece em volta delas. (Maria Montessori)

2.1 O PIBID Educação Infantil na Universidade Federal do Rio de Janeiro

O Programa Institucional de bolsas de Iniciação à docência na Universidade Federal do Rio de Janeiro teve início no ano de 2012, quando foi desenvolvido o primeiro grupo, sendo este voltado aos estudos e ações nas séries iniciais do Ensino Fundamental. O grupo inicialmente contou com um coordenador da área do curso de Pedagogia, um professor supervisor, cinco licenciandos e uma escola parceira. Com a expansão do Programa, em 2014, inicia-se a formação de outro grupo de iniciação à docência, este com ênfase em Educação Infantil.

O primeiro grupo PIBID – Educação Infantil formado em 2014 teve o seu ciclo encerrado em 2016. Este foi composto por dezessete sujeitos, sendo treze bolsistas de graduação em Pedagogia, três professores supervisores, uma coordenadora, e duas escolas parceiras. Durante esse período, participei como bolsista de iniciação à docência. Nós nos dividíamos em três subgrupos que atuavam em duas escolas públicas, sendo elas: Colégio Pedro II (Unidade Realengo- Escola de Educação Infantil) e a Escola de Educação Infantil da UFRJ.

Todo o grupo reunia-se semanalmente na Faculdade de Educação da UFRJ. Nos nossos encontros eram debatidas diferentes temáticas que perpassam o cotidiano da Educação Infantil, além de ser um espaço de trocas de experiências e planejamentos. Durante as reuniões trabalhávamos com alguns textos teóricos que davam base às nossas discussões e reflexões. No ano de 2014 o referencial teórico que mais utilizamos foi o livro “As cem linguagens da criança” (1999), dos autores Carolyn Edward, Lella Gandini e George Forman, que traz em sua leitura a perspectiva educacional da Educação Infantil na cidade de Régio Emillia, Itália. No ano de 2015 estudamos a “capacidade criadora da criança”, baseando-nos em Lev Vigotski (2009), estes foram os mais utilizados, porém estudamos textos de outros autores que abordam em seus escritos temas voltados a prática docente e vivências na Educação Infantil.

Nesse contexto, nos reuníamos e discutíamos as práticas e situações vivenciadas nas duas instituições que recebiam as bolsistas. Para além, planejávamos propostas que dialogavam com os projetos do grupo ou demandas vindas das próprias crianças. Junto com a coordenadora e a professora supervisora discutíamos as ideias e chegávamos a uma conclusão do que iríamos levar para elas.

Durante todo o período de vivência nas instituições, nós bolsistas, ou como nos chamávamos, pibidianas, participávamos do planejamento da professora regente, o que contribuía de forma significativa para nossa formação. Segundo DA SILVA CAMPELO (2009, p111) “[...] quando licenciandos podem dialogar sobre o trabalho docente e experimentá-lo com o apoio dos professores experientes, a aprendizagem sobre o ofício de ensinar é potencializada”. O ato de observar, participar, cooperar com o trabalho da professora supervisora possibilitava às pibidianas um olhar sensível, um espaço para questionamentos e soluções para dúvidas pertinentes ao trabalho, além de ser um momento de construção da própria prática.

O grupo também vivenciou durante o ano de 2014 e 2015 experiências voltadas a apresentação de trabalhos na Jornada de Iniciação à Docência, que acontecia na Cidade Universitária (Ilha do Fundão). Para tal, cada subgrupo preparava um resumo e um painel relatando alguma vivência ocorrida na escola que estava inserido. No ano de 2014, os grupos apresentaram projetos vividos na turma que acompanharam. No presente ano, as apresentações dos projetos foram apresentadas aos bolsistas pelos seus supervisores, isso porque em 2014 houve um atraso no pagamento do seguro de vida dos Pibidianos, o que resultou no retardamento da entrada destes em campo, e a não observação e participação do projeto do grupo. O seguro de vida por inúmeras vezes torna-se um desafio dos programas de formação que integram os estudantes as unidades de Educação Básica, porém, a forma como o projeto foi apresentado a nós (pibidianas), nos possibilitou viajar, imaginar, e sentir como foi pensado, como se estruturou e como se consolidou na relação entre teoria e prática.

No ano de 2015, realizamos três oficinas. Cada grupo ficou responsável por uma. As oficinas foram divididas nas temáticas que seguem no quadro abaixo e utilizamos as mesmas para apresentar na jornada que ocorreu no respectivo ano:

Oficina 1: Corpo, infância e Educação Infantil: experiências em uma oficina de formação de professores.	Objetivo: Refletir sobre a experiência corporal e emocional das crianças no momento inicial de entrada em um novo
---	---

	grupo, além de apresentar aos bolsistas de iniciação à docência as possibilidades do trabalho com o corpo e as emoções das crianças.
Oficina 2: O trabalho com a literatura na Educação Infantil: espaços de imaginação e criação.	Objetivo: Possibilitar experiências com diferentes abordagens da literatura infantil, fomentando espaços e tempos de criação na Educação Infantil, para além, a oficina também apresentou o objetivo de alimentar a formação inicial de professor para afetar o trabalho com as crianças.
Oficina 3: Isso é mágica? Conhecimento científico na Educação Infantil e o PIBID.	Objetivo: apresentar a possibilidade de promover a aprendizagem associada ao campo das ciências da natureza tomando como base as experiências, linguagens e conhecimentos da vida cotidiana.

Tendo como base o quadro acima podemos identificar que no cotidiano do PIBID são propostas muitas ações relacionadas com a construção de práticas para os licenciandos, construção de saberes, contribuições nos planejamentos, propostas, além de possibilitar a participação em jornadas de iniciação à docência que permite ao bolsista a oportunidade de demonstrar o que se tem falado, o que se tem estudado e o que se tem pensado para essa faixa etária e etapa da Educação Básica.

O grupo realizava sempre o movimento da teoria e prática que faz parte da filosofia do PIBID, buscando apresentar possibilidades para questões que estão presente e perpassam o cotidiano de uma sala e instituição de Educação Infantil. Acredita-se que o envolvimento e contato direto com diferentes práticas que encaram a criança como protagonista, traz potencialidade para o pibidiano, mas além deste, o professor supervisor consegue expressar durante as reuniões a satisfação de participar de um programa de grande valia no meio educacional e o quanto este contribui para e na sua prática docente. Saliento aqui a importância do programa na reflexão da práxis do docente, temos como perspectiva o professor pesquisador, que está sempre reformulando suas práticas através da observação de suas ações interligadas as bibliografias do campo, formulando assim suas teorias em relação ao seu trabalho.

2.2 Contribuições e perspectivas acerca da participação no PIBID-Educação Infantil

No movimento de fazer essa pesquisa busquei estruturá-la utilizando a revisão bibliográfica do tema problematizado, e também a ferramenta de entrevistas realizadas com três pibidianas que atuaram nos anos de 2014 a 2016 no PIBID – Educação Infantil, e hoje atuam com diferentes cargos, mas todos na docência da Educação Infantil, em escolas públicas e privadas na cidade do Rio de Janeiro. O objetivo é compreender as principais contribuições que o Programa trouxe na sua formação e hoje atuação docente, além de retratar suas percepções com relação às práticas observadas, o olhar para a criança e os desafios recorrentes a prática docente.

As entrevistadas são assim caracterizadas:

Entrevista 1	Graduanda em Pedagogia Cargo: Estagiária de Pedagogia Instituição Privada Tempo no cargo: 1 ano
Entrevistada 2	Graduada em Pedagogia Cargo: Professora regente Instituição pública Tempo no cargo: 2 anos
Entrevistada 3	Graduada em Pedagogia Cargo: Professora auxiliar Instituição privada Tempo no cargo: 2 anos

Em interlocução com Ivenik e Canen (2016, p.11) que apresentam a ideia de que o *“pesquisador convive em campo com os sujeitos pesquisados, buscando detectar seus problemas e levantando, junto aos mesmos, soluções, agindo e pesquisando sobre suas ações[...]”*, busco apresentar uma pesquisa dentro das ciências humanas, utilizando ferramentas da metodologia qualitativa, no qual o pesquisador busca dar voz aos sujeitos envolvidos na pesquisa através de entrevistas, tendo em vista construir o trabalho a partir das narrativas apresentadas por estes sujeitos.

Busquei realizar as entrevistas seguindo o roteiro (Anexo 1) com três pibidianas que atuaram nos anos de 2014 a 2016 e hoje encontram-se inseridas em instituições de ensino, exercendo a docência na Educação Infantil. O objetivo traçado na entrevista e pesquisa foi compreender como professoras recém-egressas da Pedagogia, que participaram do PIBID nos últimos anos de sua formação, agora atuando como professoras e/ou estagiárias de Educação Infantil, percebem as contribuições do Programa nas suas práticas. Além disso, indaguei sobre os desafios encontrados na ação docente.

Desta forma, irei apresentar os sujeitos envolvidos na pesquisa, os mesmos serão identificados por (Entrevistada 1, 2 e 3) para assim resguardar a identidade destes. Foram entrevistados três sujeitos do sexo feminino, tendo a faixa etária entre 22 anos e 25 anos, sendo todas já formadas em Pedagogia. A entrevistada 1 atua hoje como estagiária em uma escola de Educação Infantil privada, situada no bairro do Leblon. A entrevistada 2 atua como professora regente em uma creche do Município do Rio de Janeiro, e a terceira entrevistada atua como professora auxiliar em uma escola privada e religiosa situada no bairro de Copacabana.

Acredito que o eixo deste trabalho monográfico encontra-se nas narrativas das entrevistas. Nelas, os sujeitos conseguem expressar o que sentiram, o que vivenciaram, o que observaram e o que podem trazer hoje, para e nas suas práticas. Durante as entrevistas torna-se nítida a satisfação das entrevistadas em ter participado do PIBID, e o quanto este programa auxilia em sua prática e na relação entre teoria e prática; para além, o quanto este programa auxiliou e auxilia na tentativa de olhar para a criança como um ser presente, um ser ativo e capaz. No desenvolver da escrita do presente capítulo, buscarei dialogar com as narrativas das entrevistas com as contribuições encontradas na leitura do livro “As cem linguagens da criança” (2009) e outros textos, que muito tem a ver com o que vem sendo falado pelas entrevistadas.

De acordo com a entrevistada 1 *“O Pibid contribui muito para minha formação na perspectiva de pensar o como ser docente não apenas na Educação Infantil mas o como ser docente em qualquer etapa de ensino, porque a gente aprende a pensar na perspectiva da criança, a pensar que a criança ela é capaz de desenvolver, de aprender e ela traz consigo vários aprendizados e eu acho que isso é muito importante do professor passar a perceber que ele não é o único que possui conhecimentos, mas as crianças”*.

Podemos encontrar nessa fala um olhar de contribuição não só apenas para atuação docente na Educação Infantil, e sim em outras etapas de ensino, pois segundo a entrevistada, o programa auxilia na perspectiva do olhar, do pensar e do acreditar na capacidade da criança,

Em interlocução com Edward, (1999, p.47) “*o papel das crianças no relacionamento era mais o de aprendiz do que o de alvo da instrução ou de objeto de elogios*” para além, pensa-se que “*as crianças são engajadas em um trabalho excitante, que inclui tomar decisões sobre o que representar, como representar, como coordenar esforços e resolver visões conflitantes*”. Nesse contexto trata-se de uma organização para o trabalho de projetos; nessa lógica as crianças são vistas como indivíduos que podem decidir, organizar e coordenar em conjunto com o docente a proposta prevista.

Em contrapartida, a narrativa da entrevistada 2 reflete a contribuição do PIBID, atribuída a possibilidade “*pensar, planejar, executar e ver como vai dar, ver o que deu certo. Ver o que a gente pode mudar no próximo planejamento. Essas questões de planejar me ajudou muito na minha formação de pensar para eles*”. Nessa narrativa a entrevistada 2 apresenta a ferramenta que o PIBID utiliza em sua base teórica e vivências na prática, que é o ato de planejar. O planejamento em questão se dá a partir das demandas das crianças, ou seja, visando o desenvolvimento nas brincadeiras e interações das crianças, um planejamento pensado pela, para e com a criança. Segundo Rinaldi (1999, p.115) [...] “*falamos sobre planejamento, entendido no sentido de preparação e organização do espaço, dos materiais, dos pensamentos, das situações e das ocasiões para a aprendizagem*”.

A entrevistada 3 diz que “*O Pibid teve uma contribuição indescritível na minha formação, pois através dele a gente pode debater a prática e a teoria e viver a prática. Ele me deu a possibilidade de ver a escola como a escola viva, a escola que a cada dia acontece algo novo*”, através dessa narrativa podemos mais uma vez enfatizar que a teoria e a prática caminham juntas na perspectiva de auxiliar o educador nas suas ações práticas. Para além, a mesma atribui ao PIBID uma definição que reflete o programa como um segundo espaço de formação, que vai além da graduação.

Segue depoimento da Entrevistada 2:

A minha participação no PIBID na graduação fez com que eu saísse da graduação pronta para entrar na escola, sabe. Eu não me sinto uma pessoa inexperiente para entrar na escola, para estar na escola, para viver diversas situações na escola. Eu não me sinto inexperiente, me sinto bastante experiente e segura para estar lá e defender as ideias que eu acredito que sejam importantes para a Educação Infantil e que foram debatidas e estudadas dentro das nossas reuniões.

O trabalho no PIBID permite ao pibidiano uma ação conjunta com docentes que os recebem uma vez por semana em suas salas e escolas parceiras, a fim de contribuir e dialogar

com o seu trabalho, por esta razão, pode-se perceber que os Pibidianos encontram contribuições e carregam consigo práticas observadas. Segundo a entrevistada 2 *“Acompanhar uma professora regente me ajudou muito, ainda mais a professora que a gente acompanhou, que é uma professora maravilhosa e que me espelho muito nela sempre na relação o que é ser professora. Ela tinha um olhar atento, sensível e estava sempre ali, junto com as crianças, brincando com as crianças e sempre atenta aos questionamentos, às falas”*, em interlocução a entrevistada 3 apresenta a seguinte percepção *“observar outra pessoa fazendo faz você ter um olhar de como é simples, complexo e não é impossível [...] Observar a professora me fez direcionar o meu olhar, eu consigo olhar pra criança e ver aquele ser que junto comigo pode construir um saber”*.

Nas narrativas acima podemos identificar que o PIBID proporciona uma relação de troca de conhecimentos e experiências que possibilita o licenciando a pensar a sua prática a partir das observações em sala de aula, dos diálogos e ações pertinentes a este espaço. Compreender esse espaço como um processo de produção de conhecimento, construção e reconstrução de práticas e para além, um espaço que possa favorecer o diálogo entre teoria e prática. Ou seja, como afirma a entrevista 1 a oportunidade de observar, acompanhar e discutir um trabalho docente em conjunto *“permite compreender como é o planejamento, a relação entre planejamento e o desenvolvimento do planejamento. Então eu acho que isso nos ajuda a compreender também como ser professor de Educação Infantil.”*

O PIBID- Educação Infantil em suas reuniões e discussões com bases teóricas e reflexões práticas apresentou algumas ações do profissional que trabalha com essa etapa educacional voltado muitas vezes ao olhar sensível, ou seja: como esse profissional enxerga essa criança que recebe em sua sala de aula? Como se dá essa relação? Edwards (1999, p. 160) faz uma afirmação através de uma palestra realizada em novembro de 1990, no qual destaco o seguinte trecho *“o papel do adulto é acima de tudo o de ouvinte, de observador e de alguém que entende a estratégia que as crianças usam em uma situação de aprendizagem”*

Para tanto, em interlocução com as entrevistas, *“o Pibid me ajudou a olhar e a compreender que a criança é criança [...] a minha visão mudou para perceber que a criança ela é criança e ela aprende através das brincadeiras e através das interações.”* (Entrevistada 1). Nesse trecho percebe-se que o sujeito traz a percepção da mudança de como ela consegue perceber a criança hoje, apresentando o auxílio que o Programa oferece, seja através das discussões e reuniões e também através das relações e vivências observadas. Na busca de compreender como se dá esse olhar, como se entende essa relação de sensibilidade, troca e afeto, a entrevistada 2 apresenta o seguinte discurso

O PIBID sensibilizou o meu olhar para a criança [...] eu consigo olhar para aquela criança e consigo ver que ela se comunica, que ela cria, que ela recria e que ela vive dentro de uma cultura, e que essa cultura ela modifica. Eu consigo ver uma criança produtora de conhecimento, não consigo ver só um ser que tem que ser ensinado. Eu consigo ver um ser criador, criativo. Eu consigo ver a criança na sua maior potência.

O olhar atento do docente em direção à criança traz o caráter de busca por possibilidades, pois no ato de observar, diferentes descobertas surgem com relação ao grupo, e até mesmo às crianças em suas particularidades. Malaguzzi (1999, p.91) entende que os adultos “*devem tentar capturar os momentos certos e então descobrir as abordagens corretas para unir em um diálogo produtivo, seus significados e interpretações com os das crianças*”. Para tanto, complemento com a narrativa da entrevistada 2 “*o olhar sensível, o brincar com as crianças, que faz parte do nosso trabalho é se a gente não fizer isso não tem muito sentido estar na Educação Infantil. Porque a gente tem que brincar com eles e estar atento a eles*”.

No desenvolvimento do presente capítulo torna-se perceptível que o PIBID auxilia na construção da prática docente do licenciando, no olhar sensível que acompanha a escuta, e para além, o programa faz com que o licenciando desenvolva diferentes conhecimentos relacionados à teoria, e que para além, conseguem enxergar na prática. Durante as reuniões, observação acompanhada da cooperação nas escolas parceiras, as pibidianas aprenderam a se envolver e desenvolver propostas com as crianças e para elas, que de certa forma aparecem hoje nas suas práticas docentes. Buscando visar essas contribuições e aprendizagens, a entrevistada 1 apresenta a seguinte narrativa

[...]eu acho aprendi muito com os adultos, e o PIBID proporciona essa relação da teoria e da prática de uma maneira bem interessante e forte, porque a gente consegue vivenciar. Para além, aprendi com as crianças, pois elas mostram quanto as brincadeiras são ricas de aprendizado, de interações, o quanto na brincadeira demonstram o que nós adultos fazemos, na imitação, na brincadeira. Então eu acho que as crianças elas demonstram muito, elas ensinam muito o professor a ser professor.

Já a entrevistada 2 percebe que a sua experiência no PIBID a fez entender que nem sempre o que foi planejado pode acontecer e que mesmo diante disso, pode-se aprender. Ela acredita que “*essa que é a grande maravilha, a grande riqueza de ser professor de Educação Infantil, porque tudo muda o tempo inteiro, que as crianças trazem coisas novas, isso é muito legal, então acho que é, tá aí a essência do professor de Educação Infantil*”.

Nos relatos citados acima podemos identificar que as experiências das pibidianas sempre apresentam as brincadeiras, as interações, a visibilidade da criança como ser ativo,

presente e protagonista do processo de aprendizagem, que entram em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009). No 11º ponto das diretrizes que tem como título “Práticas Pedagógicas da Educação Infantil”, encontramos como eixos do currículo “*As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e brincadeiras*” e que possam garantir “*a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão*”, para além, que “*ampliem a confiança e a participação das crianças nas atividades individuais e coletivas*”. (DCN/EI, 2009)

Em interlocução com Franco (2016, p.543)

A educação se faz em processo, em diálogos, nas múltiplas contradições, que são inexoráveis, entre sujeitos e natureza, que mutuamente se transformam. Medir apenas resultados e produtos de aprendizagens, como forma de avaliar o ensino, pode se configurar como uma grande falácia.

Com base na citação acima, nas narrativas apresentadas pelas entrevistadas e os diálogos com os textos, percebemos que a Educação Infantil é uma etapa importante na formação e desenvolvimento da criança, e para além, precisa ser visada com cuidado, respeitando as particularidades e necessidades das crianças, percebendo que as suas interações estão envolvidas nas brincadeiras. O PIBID contribui positivamente para que licenciandos saiam formados e aptos a desenvolver a sua prática docente em diálogo com a teoria, identificando que adiante dos desafios existem as possibilidades, e que nestas possibilidades moram e se desenvolvem os saberes da docência. Pensar que o professor possa criar a capacidade de “*compreender as transformações dos alunos, das práticas, das circunstâncias e, assim, possa também transformar-se em processo.*” (Franco, 2016, p.546)

2.3 Desafios da docência na Educação Infantil

No atual contexto educacional os desafios docentes são ainda maiores nas questões políticas, sociais, culturais, dentre tantas outras que perpassam as salas de aula, as instituições e a comunidade. Além dos desafios na docência da Educação Infantil, em muitos casos se encontram os desafios da formação do professor, que, de certa forma, influenciam o trabalho pedagógico. No decorrer deste subcapítulo irei percorrer sobre essa temática, dialogando com as entrevistas e textos.

Os primeiros anos na atuação docente são cruciais para o desenvolvimento da prática do professor, porém, no primeiro instante o chegar na sala por vezes pode causar um estranhamento, de certa forma “um choque de realidade”, que segundo VEENMAN (apud OLIVEIRA, 2013, p.12344) é “o colapso dos ideais missionários formados durante o treinamento de professor pela realidade árdua e rude da vida diária em sala de aula.” Assim, durante as entrevistas busquei compreender e conhecer os desafios que as entrevistadas perceberam durante a ação no PIBID, e hoje na atuação.

A entrevista 1 relata que o maior desafio hoje para ela, é lidar com crianças que apresentam questões, segundo a mesma

Por exemplo, no PIBID a gente acompanhou uma criança que tinha muitas dificuldades e a professora também foi aprendendo a lidar com ele durante o ano, durante as atividades ela buscava meios para compreender ele, porque acho que cada criança que tem uma dificuldade ela é diferente, então você não vai trabalhar uma criança, por mais que ela tenha a mesma dificuldade, ela seja diagnosticada com a mesma coisa, eu acredito que em cada criança isso se dá de forma diferente. Então, pra mim isso é um desafio muito grande no trabalho da Educação Infantil.

Percebemos no relato acima um questionamento comum, que para a entrevistada torna-se desafio. Pensa-se que ao sair da graduação, de certa forma não estamos aptos a lidar com situações de crianças com algumas questões, ou seja, na prática do dia a dia que aprendemos em muitos casos a lidar com essa criança, através de leituras e conhecendo o problema, podemos nos planejar e desenvolver propostas diversificadas, porém, ainda na citação, a entrevistada reflete acerca do seu olhar observador na prática e ação do PIBID.

Durante a sua vivência em campo, a mesma frequentou um grupo de crianças no qual existia uma criança que apresentava questões como não conseguir sentar na roda, em muitos casos, não responder as solicitações da professora, e nesse período, a mesma conseguiu identificar que a professora criou ferramentas e métodos para lidar com aquele desafio, de certa forma, hoje a mesma relata que através do PIBID “a gente tem uma perspectiva diferente da criança, então eu acho que o PIBID me possibilitou a não tentar deixar essa criança de lado, a não tentar deixar excluir essa criança, mas tentar inclui-la no grupo.” (Entrevistada 1)

O PIBID tem o caráter formador, possibilitando os licenciando a conhecerem a prática docente antes mesmo se serem inseridos no mercado de trabalho, nota-se que essa proposta tem valor significativo na formação e ação dos que participam. Segundo OLIVEIRA, “É necessário que a devida formação seja disponibilizada aos professores, para que estes

comecem a construir suas identidades profissionais, sabendo dos desafios que serão enfrentados ao longo da carreira docente” (2013, p.12343). No âmbito do PIBID, o pibidiano já inicia a construção de sua identidade docente, conseguindo perceber na vivência os desafios que perpassam a sala de aula e que se diferem.

A entrevistada 2 enxerga como principal desafio o trabalho a partir de projetos pedagógicos, a mesma relata que *“as vezes quero fazer um trabalho diferente mas eu tenho que cumprir o que veio da Secretária Municipal de Educação (SME), porque eles querem que faça, ou então o que a direção pede, por exemplo, vai ter uma festa, assim as vezes dar uma quebrada nisso, de estar dando uma continuidade do trabalho por projetos”*. Tendo em vista esse relato, podemos identificar que a entrevistada encontra desafios no momento em que decide trabalhar determinados conhecimentos tendo como ferramenta pedagógica o trabalho com projetos, e no meio deste processo precisa desenvolver projetos que muitas vezes chegam prontos, estes vindo da SME, no qual muitas vezes não condiz com a demanda do grupo de crianças, porém é uma “ordem” que precisa ser cumprida.

Segundo Rinaldi (1999, p.115) *“no início de um projeto os professores devem reunir-se e discutir de todos os modos possíveis como o projeto poderá vir a evoluir, considerando as ideias prováveis, as hipóteses e as escolhas feitas pelas crianças”*. Percebemos que nesse contexto os projetos são pensados a partir da demanda das crianças, ou seja, assuntos mais falados em sala, que mais surgem nas brincadeiras e interações entre as crianças, respeitando seus gostos e interesses.

Contudo, ainda que na teoria pensa-se assim, na prática algumas coisas se contradizem, como no relato da entrevistada 2, os desafios na docência são diversos, e estes se intercalam com o sistema, a gestão, as perspectivas educacionais de cada região, a autonomia do profissional, respeito ao seu planejamento, tempo. No PIBID, os licenciandos tem a chance de observar esses desafios na prática, compreender a dinâmica que se dá para contornar tais situações e assim colocar em prática.

Outra situação que remete aos desafios na docência da Educação Infantil, como a entrevistada 3 aborda, é o reconhecimento profissional dentro da instituição. Ou seja, como recém formados são recebidos, até quando seus conhecimentos e vivências são considerados importantes e válidos para contribuição com os demais. A mesma diz que *“o meu maior desafio sendo professor de uma rede particular é mostrar isso, porque eu, uma recém graduada mostrar que tenho potencial de ser um professor regente e muitas vezes você é desqualificada só por ser recém graduada”*. Para além, a mesma relata que *“uma das contribuições do PIBID*

foi aprender a questionar, questionar porque tem que ser assim, qual o motivo de ser assim, esse é um grande desafio que eu enfrento dentro da escola particular onde eu trabalho”.

Nessa ótica percebemos que muitas vezes o saber docente é negado, e até mesmo ignorado por profissionais com mais tempo na instituição, que julgam ter mais saberes, mas por outra via, a entrevistada relata que para além dos desafios, existem as condições de se colocar, que a mesma coloca o PIBID como um espaço no qual ela pode aprender a se colocar, a indagar, a questionar a sua prática. Em interlocução com OLIVERA (2013, p.12343)

As experiências vividas, a flexibilidade com situações presentes no cotidiano em sala de aula, a desconstrução do que é considerado estável e a busca por soluções diante dos desafios enfrentados na Educação, mostra que essa identidade é transformada cotidianamente, desde que o professor seja conhecedor de seu processo formador e ciente que sua profissão é desafiadora e necessita de reflexão.

Mais adiante, na pesquisa durante as entrevistas, busquei saber para além das contribuições do Pibid, quais desafios o programa enfrenta, e possíveis mudanças para melhoria e de certa forma, aperfeiçoamento da formação crítica, social, política e profissional do pibidiano. Para tanto, percebemos que um dos grandes desafios por vezes volta-se ao pagamento dos seguros de vida, que acarreta atraso na entrada em campo, assim também, como no ano de 2015, rumores de finalizar esse programa, e/ou mudar a dinâmica de tal, algo que com constantes lutas dos bolsistas, coordenadores e professores supervisores, não se concretizou, enfim, em qualquer esfera educacional, os desafios se faz presente.

Assim, diante do cenário desafiador o trabalho acontece, mas pensando-se em melhorias, aprofundamento dos saberes, as entrevistadas que já participaram do PIBID, trazem sugestões para que o programa na Faculdade de Educação da UFRJ com ênfase na Educação Infantil, avance positivamente. A entrevistada 1 diz que

A minha perspectiva do Pibid é algo que foi incrível, que como eu disse, a relação entre teoria e a prática era algo aflorado, mas acho que em alguns momentos essa questão de nós estarmos no lugar do professor era um momento que pra mim era muito difícil, e acho que foi uma coisa que nós fizemos pouco. Percebo a necessidade de escrever sobre esses planejamentos, sobre esses projetos e sobre essas vivencias, eu acho que também tinha que ser uma rotina, algo que seja mais feito no Pibid, que seja assim, planejou escreve, e não é escrever para ficar para gente, é escrever para produzir.

Duas contribuições para o programa, percebe-se que a entrevistada 1 sentiu a necessidade de atuar mais em campo, porém, o tempo, planejamento, dispõe a dificuldade de

uma ação que julga-se ser importante para essa formação e construção. Já no olhar acadêmico, a mesma identifica a necessidade de organizar a divulgação do material produzido.

Já a entrevistada 3, pensa que

Eu estou passando por grandes desafios, a gente não fala muito de berçário, isso pode ser uma mudança para o PIBID, ampliar as faixas etárias, falar mais sobre berçário, porque Educação Infantil a gente sempre fala de crianças de 3 e 4 anos, e as crianças mais novas, nós quase não falamos, seria bom falar de bebês, seria legal, porque tá tudo muito novo pra mim, nunca tive contato com berçário.

A entrevistada 2, na atual posição como professora regente no grupo de bebês, tem enfrentado desafios que se destinam a propostas para essa faixa etária, a abordagem nos conflitos, enfim, coloca em evidência que essa faixa etária também faz parte da infância e consecutivamente da Educação Infantil, por isso, a mesma reflete na possibilidade do PIBID inserir em seus estudos, discussões e planejamentos, a abordagem com bebês.

Percebemos então, que desafios são comuns na prática docente, e em geral, no cotidiano educacional. Nos anos iniciais da profissão é comum o sentimento de insegurança, incapacidade, é uma fase complexa para qualquer profissional, porém, através dos relatos percebemos que as entrevistadas conseguem identificar os conhecimentos adquiridos na academia e no PIBID, lançando suas frustrações, na busca por transformações, e transformação de si. Percebe-se também, segundo SIGNORELLI e MATSUOKA (2015) que existe uma *“falta de investimentos no início da carreira dos professores, seja de políticas públicas ou projetos institucionais, que apoiem os professores quando iniciam na profissão”*. (p.37264)

Considerações finais

Neste trabalho colocamos em pauta o PIBID- Educação Infantil, dando visibilidade às suas ações dentro do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na busca de compreender a influência de tal nas ações e práticas docentes de sujeitos que atuaram nos anos de 2014 e 2015, e para além, compreender os desafios pertinentes a prática docente na Educação Infantil, ou talvez, alguns deles.

Foram expostas concepções que auxiliam na compreensão e contextualização da formação do professor de Educação Infantil, indo além, podemos compreender que o PIBID deixa marcas na formação do pedagogo docente no sentido que proporciona durante a formação o contato direto com a prática, e estar em diálogo com a teoria através de estudos. Por outro viés, percebemos que a contribuição também se dá através da ação em campo, na qual o pibidiano entra em contato direto com a realidade da docência, podendo expor suas ideias, indagar quando surgirem dúvidas.

É importante ressaltar que o PIBID proporciona o desenvolvimento de metodologias que trazem sentido ao contexto, ao sujeito pertencente a aquele espaço, proporcionando uma escuta sensível, um novo olhar para a criança, o diálogo com os documentos que regem a Educação Infantil através das observações da ação prática, do espaço da instituição, e também das propostas.

A realização desse trabalho contribuiu na possibilidade de dar visibilidade ao PIBID, especificamente, o PIBID- Educação Infantil, na busca de compreender as suas contribuições na formação docente dos sujeitos da pesquisa. Assim, através das narrativas, fica explícito que os saberes adquiridos através das reuniões, das observações e coações nas escolas que as entrevistadas atuaram no tempo em que foram bolsistas do programa, ficam internalizados e expostos em suas práticas.

Portanto, o que levo de aprendizado para a minha prática docente, é a perspectiva que enxerga a criança como sujeito participativo no espaço escolar, que necessita de uma escuta e olhar sensíveis, e que para além, precisa ter seus direitos respeitados. Entendo também que o espaço da universidade não se restringe somente a sala de aula, a grade curricular oferecida, para além existem grupos que estudam diferentes temáticas educacionais, assim como o PIBID, que possibilita uma ampliação na formação do Licenciando, levando-o a pensar a sua prática futura, entendendo que essa “anda” junto com a teoria, sendo assim indissociáveis.

Ressalto que o estudo sobre a influência e impacto do PIBID na formação docente não se esgota nessa pesquisa, a temática tem sido explorada por outros autores, e pode ser ainda mais e de diferentes maneiras, dando amplitude e visibilidade a um programa tão eficaz na área educacional.

Anexos

Roteiro de Entrevistas

- 1) Quais foram as contribuições do PIBID para a sua formação?
- 2) Ter acompanhando diretamente de perto uma professora regente te ajuda no que a ser hoje uma professora regente?
- 3) Tem alguma prática dessa professora que você se vê de alguma forma fazendo igual, ou a partir de sua observação
- 4) De que forma o PIBID te ajudou a olhar para as crianças?
- 5) Pra você hoje, quais são os principais desafios da sua prática? Que relações eles têm com a sua formação no PIBID?
- 6) Você já percebia esses desafios na instituição que realizou o trabalho de Iniciação à docência? A experiência no PIBID ajuda você a enfrentar desafios na prática?
- 7) O que você aprendeu na observação e interação com as crianças no lócus do chão da creche ou escola, e o que você aprendeu nas reuniões? O quanto isso é significativo hoje na sua prática ?
- 8) Se você fosse reinventar o Pibid ou participar da formulação de uma nova versão do Pibid, o que você colocaria? O que você mudaria para que ele possa ser mais eficiente, mais eficaz como um projeto de formação?

Referências bibliográficas

BRASIL, Lei de Diretrizes e B. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2010.

CAMPELO, T. da S. ; CRUZ, G. B. ; OLIVEIRA, F. L. . A contribuição do PIBID para a formação de pedagogos docentes.. In: Isabel Maria Sabino de Freitas; Maria do Socorro Lucena Lima; Maria Marina Dias Cavalcante; José Albio Moreira de Sales.. (Org.). Didática e prática de ensino na relação com a formação de professores.. 1ed.Fortaleza: Editora da Universidade Estadual do Ceará ? EdUECE, 2015, v. 2, p. 171-183

CAMPELO, T. da S. ; CRUZ, G. B. . Parceria Universidade - Escola Básica na formação de Pedagogos Docentes: aprendizagem sobre a docência no contexto do PIBID. In: V Congreso Internacional sobre El Profesorado Principiante y La Inducción a La Docencia, 2016, Santo Domingo. V Congreso Internacional sobre El Profesorado Principiante y La Inducción a La Docencia. Sevilla: Universidad de Sevilla, 2016. v. 1. p. 01-12.

EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George. As Cem Linguagens da Criança, Porto Alegre, Artmed, 1999.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro . Prática pedagógica e docência: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos RBEP-INEP , 2016.

IVENICKI, A. ; CANEN, A. G. . Metodologia da Pesquisa: rompendo fronteiras curriculares. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Ciência Moderna, 2016. v. 1. 85p .

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Política de formação profissional para a educação infantil: Pedagogia e Normal Superior. **Educação & Sociedade**, v. 20, n. 68, p. 61-79, 1999.

LONTRA TEIXEIRA, Viviane ; RODRIGUES, S.A. . Iniciação à docência para uns e formação continuada para outros: universidade e escola básica formando professores. 2014. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

NÓVOA, António."Professor se forma na escola" (2001)
(<https://novaescola.org.br/conteudo/179/entrevista-formacao-antonio-novoa>) Acesso em 03 de Novembro de 2017.

NÓVOA, António. Para una formación de profesores construida dentro de la profesión. Revista de Educación, 2009, v. 350, p. 203-218.

OLIVEIRA, E. A. C. . Ser professor na Educação Infantil: dificuldades enfrentadas no início de carreira. In: EDUCERE, 2013, Curitiba. X Congresso Nacional de Educação - Educere, 2013. p. 12337-12353.

PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade de Educação**, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista brasileira de Educação**, v. 13, n. 5, p. 245-276, 2014.